

A REPRESENTAÇÃO DA HOMOFOBIA NA OBRA SAPATO DE SALTO DE LYGIA BOJUNGA: ANÁLISE CRÍTICA DO PRECONCEITO ATRAVÉS DO VIÉS DA TEORIA QUEER

Mariana Rissi Azevedo ¹
Cristiane Pereira Lima ²
Tomé Fernandes Caitano ³

RESUMO

Esta pesquisa analisa a representação da homofobia na obra *Sapato de Salto* de Lygia Bojunga através do viés da Teoria Queer, representada pelos autores: João Paulo de Lorena Silva (2016), Ederson Luís Silveira (2016), Leonard Cristy Souza Costa (2016), Guacira Lopes Louro (2008), e Eve Kosofsky Sedgwick (2007), entre outros; esses autores tem como principal objeto de estudo a realidade vivenciada por pessoas LGBTQI+, e como a sociedade as têm visto, afim de promover a diversidade cultural e de gênero. A metodologia empregada é de cunho bibliográfico analítico e consiste em analisar excertos da obra no qual Andrea Doria, é vitimado pelo preconceito por conta de sua opção sexual. Em um segundo momento, compara-se o enredo do livro a história verídica de André Barbosa para demonstrar o quanto a homofobia ainda é presente na atual sociedade Brasileira, e por fim, é levantada discussão acerca de leis antidiscriminatórias e criminalização da homofobia em considerações finais.

Palavras-chave: Homofobia, *Sapato de Salto*, Lygia Bojunga, Teoria Queer.

INTRODUÇÃO

Este presente artigo estuda a representação da homofobia na obra *Sapato de Salto* da autora Lygia Bojunga analisando criticamente o preconceito através do viés da Teoria Queer, para tal estudo ser realizado utilizou-se a metodologia de cunho bibliográfico analítico, e extraímos trechos da obra na qual podemos observar as difíceis situações enfrentadas pelo personagem Andrea Doria, um jovem homossexual, que vive um dilema familiar com seu pai Rodolfo que é preconceituoso e violento. Frisaremos o sofrimento desse adolescente durante a narrativa, e como o pai se comporta diante a orientação sexual do filho.

Iremos pautar nossas análises nos estudos dos autores: João Paulo de Lorena Silva (2016), Ederson Luís Silveira (2016), Leonard Cristy Souza Costa (2016), Guacira Lopes Louro (2008), Eve Kosofsky Sedgwick (2007), Judith Butler (2015), entre outros, e investigaremos as agressões físicas e psicológicas que Andrea Doria sofre no âmbito familiar, e as dificuldades desse adolescente em conviver com esses problemas. Embora a história de Andrea Doria seja

¹ Professora Mestre do Curso de Letras da Universidade Federal do Amazonas - UFAM, mari_rissi@hotmail.com;

² Graduada pelo Curso de Letras da Universidade Federal do Amazonas - UFAM, chris-tiane17@hotmail.com;

³ Graduando do Curso de Letras da Universidade Federal do Amazonas - UFAM, tomecaitano@gmail.com;

fictícia, ela é a realidade de muitos adolescentes, por conta disto, optamos contrastar o personagem com André Barbosa, um jovem agredido por conta de sua opção sexual que escolheu denunciar sua injustiça.

O intuito de comparar Andrea Doria e André Barbosa é mostrar que em nossa atual sociedade Brasileira a homofobia ainda é fortemente presente; a escolha dos teóricos contribui na demonstração da luta LGBTQI+ na sociedade e reúne definições e conceitos acerca da teoria Queer, versando sobre as dificuldades das “minorias” sexuais na sociedade. Essas minorias sofrem com a não aceitação de suas famílias e comunidade, e são reprimidas pela heteronormatividade tendo sua identidade de gênero sexual considerada como aberração desviante. Sua posição na sociedade ainda é marginal apesar das lutas por direitos a igualdade, e, apesar de possuir o direito de frequentar locais públicos, muitas vezes são ridicularizados, violentados ou oprimidos.

METODOLOGIA

A metodologia do artigo é cunho bibliográfico analítico e consiste em extrair excertos, da obra *Sapato de Salto* de Lygia Bojunga, nos quais a homofobia é representada, em seguida há a constatação dessas representações com casos reais de vítimas de homofobia apresentados na obra *Notícias de Homofobia no Brasil* de Débora Diniz e Rosana Medeiros de Oliveira. Toda a análise é pautada na Teoria Queer descrita pelos autores: João Paulo de Lorena Silva (2016), Ederson Luís Silveira (2016), Leonard Cristy Souza Costa (2016), Guacira Lopes Louro (2008), Eve Kosofsky Sedgwick (2007), Judith Butler (2015), entre outros. O objetivo deste trabalho é demonstrar que embora Andrea Dória seja um personagem fictício na obra de Bojunga, o protagonista representa uma série de pessoas vitimadas pela homofobia.

DESENVOLVIMENTO

Teoria Queer e os LGBTQI

As siglas LGBT são usadas desde 1990, e significam Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgênicos. As siglas Q e I designam as pessoas Queer e Intersexuais, essas novas siglas foram inseridas em 1996. “Queer é um movimento que toma uma direção não esperada, que contesta as normas dominantes, de modo que lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, intersexuais, trabalhadoras sexuais podem viver com menos medo no mundo” – segundo Judith Butler (2015).

Por conta de atos violentos e discriminações, muitos homossexuais tem medo de assumir sua opção sexual, vivendo com medo e escondendo da sociedade sua sexualidade.

O armário gay não é uma característica apenas das vidas de pessoas gays. Mas, para muitas delas, ainda é a característica fundamental da vida social, e há poucas pessoas gays, por mais corajosas e sinceras que sejam de hábito, por mais afortunadas pelo apoio de suas comunidades imediatas, em cujas vidas o armário não seja ainda uma presença formadora. (SEDGWICK, 2007, p. 22)

A autora retrata o armário como uma prisão interna de sentimentos e pensamentos, na qual o comportamento homossexual deve ser contido e reprimido, caso o indivíduo revele sua opção sexual a sua família e amigos, este deverá ser forte e corajoso para enfrentar as consequências de assumir-se, mesmo que esta notícia seja dada aos próprios pais, esta poderá ou não ser aceita, grande parte desses pais ao ser informado da opção sexual de seus filhos passa a rejeitar, e a reagir com violência com os jovens e adolescentes, que acabam fugindo para a rua ou casa de conhecidos em busca de auxílio e afago, e, uma vez que o jovem deixa seu lar para buscar apoio, pode ser levado a outros caminhos como drogas e prostituição.

Quando pessoas gays se assumem em uma sociedade homofóbica, por outro lado, talvez especialmente para os pais ou cônjuges, é com a consciência de um potencial de sério prejuízo provavelmente nas duas direções. O próprio segredo patogênico até pode circular contagiosamente como segredo: uma mãe diz que a revelação de seu filho adulto para ela a mergulhou, por sua vez, no armário em sua comunidade conservadora. Na fantasia, mas não só na fantasia, contra o medo de ser morto (ou desejado morto) pelos pais numa tal revelação, é provável que ocorra a possibilidade, muitas vezes imaginada com maior intensidade, de que a revelação os mate. Nada garante de que estar sob a ameaça de uma faca de dois gumes é uma posição demais força do que segurar o machado, mas é certamente mais desestabilizador. (SEDGWICK, 2007, p. 39)

O trecho acima retrata a dificuldade de se assumir homossexual perante a sociedade, e, principalmente, aos mais íntimos, pois ainda há o preconceito e o temor referente ao que estes farão com a revelação. O medo de quem pensa em se revelar assume as piores formas possíveis, desde sua própria morte, até a morte de seus queridos conhecidos. Esta morte pode ser física, ou simbólica, caso haja rejeição ao homossexual.

No que diz respeito ao tradicionalismo familiar, o preconceito vem de geração em geração; geralmente a família conservadora não aceita ter um filho gay, e a homofobia é ensinada pelos familiares às crianças, essas não nascem preconceituosas, no entanto, a convivência no âmbito familiar vai direcionar a um posicionamento moral discriminatório. Guacira Lopes Louro, em seu artigo: Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas, conduz a realidade da sociedade hoje,

A construção dos gêneros e das sexualidades dá-se através de inúmeras aprendizagens e práticas, insinua-se nas mais distintas situações, é empreendida de modo explícito ou dissimulado por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais. É um processo minucioso, sutil, sempre inacabado. Família, escola, igreja, instituições legais e médicas mantêm-se, por certo, como instâncias importantes nesse processo constitutivo. Por muito tempo, suas orientações e ensinamentos pareceram absolutos, quase soberanos. Mas como esquecer, especialmente na contemporaneidade, a sedução e o impacto da mídia, das novelas e da publicidade, das revistas e da internet, dos sites de relacionamento e dos blogs? Como esquecer o cinema e a televisão, os shopping centers ou a música popular? (LOURO, 2008, p.18)

Embora haja a indução de crenças e preconceitos através do meio familiar, a pesquisadora discute também o meio social em que o indivíduo está inserido, e afirma que essas influências sociais podem servir para a formação da identidade, e reconhece que a mídia tem uma parcela grande na formação da personalidade de jovens e adultos, desde a exibição de novelas a programas familiares, a internet também tem seu aparato de redes sociais e sites de relacionamento que oferecem aos homossexuais um contato ainda mais rápido e sigiloso para se relacionar, no entanto as redes sociais também são usadas pelos homofóbicos, que destinam ataques que atingem milhares de pessoas ao mesmo tempo, com isso a quantidade de cyberbullying tem crescido causando grande prejuízo á aqueles para os quais as ofensas são direcionadas.

Em 1960 as “minorias” sexuais fizeram parte da História durante a revolta de Stonewall em Nova York, exatamente no dia 28 de junho de 1969, após uma revista da polícia em um bar LGBTQI chamado Stonewall, policiais que prendiam toda e qualquer pessoa que estivesse transvestida, foram encurralados dentro do bar tendo que recuar, pois os frequentadores se rebelaram contra essas autoridades, junto com eles os moradores do bairro (em sua maioria homossexuais) contrariavam a postura policial discriminatória contra o grupo LGBTQI+, iniciando assim, um confronto que durou intensamente por seis dias. Esse dia ficou conhecido no mundo inteiro, e marcou a luta pelos direitos dos homossexuais se tornando o Dia do Orgulho Gay, data comemorada em vários países. Outro fato importante nos anos 60 para os LGBTQI+ foram os estudos sociológicos iniciados sobre a sexualidade. Em 70 e 80 estes estudos ganharam força nos Estados Unidos por influência de Michel Foucault e a Teoria Queer surgiu direcionando as observações ás “minorias” sexuais nos estudos culturais, sociológicos, antropológicos, filosóficos, e vários teóricos desta linha de pesquisa surgiram no decorrer dos anos seguintes.

Mesmo com a evolução das pesquisas sobre gênero dentro do campo da teoria Queer, muitos homossexuais travam uma luta diária contra insultos que ferem a moral e a autoestima,

e têm que se decidir se suportam calados sem se defender, ou se partem para a agressão física diante de tantas provocações, infelizmente, mesmo no século XXI, a violência toma proporções absurdas.

Essas pessoas se envolvem em profundas batalhas com o desejo de igualdade e respeito; muitas vezes lutam juntas e procuram a fundo leis que as amparam, a fim de terem uma vida pacífica e justa na sociedade em que vivem. Nos capítulos a seguir será demonstrada a representação da homofobia na obra *Sapato de Salto* de Lygia Bojunga e construída uma análise crítica acerca do preconceito através do viés da Teoria Queer.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A representação da homofobia na obra *Sapato de Salto* de Lygia Bojunga

A obra *Sapato de Salto* possui muitos conflitos, será abordado nesta análise à homossexualidade e a homofobia. Andrea Doria é o principal personagem desse conflito, sua opção sexual se torna alvo de preconceito e violência, pois possui um romance com Joel. Paloma, mãe de Andrea, aceita o namoro, no entanto, Rodolfo, apresenta comportamento homofóbico em relação ao filho e ocasiona brigas e mal-estar na rotina familiar.

A todo o momento Rodolfo demonstra ser contra a opção sexual do filho e na tentativa de mudar os comportamentos de Andrea Doria, ofende, bate, e humilha o menino. Andrea está confuso em relação a sua sexualidade e quando procura a figura paterna para orientação é maltratado e pressionado diariamente a caber no estereótipo de masculinidade representado por praticar esportes tidos como masculinos, tais como futebol. Andrea pensa em uma possível conversa entre os dois, na qual pode abrir-se e dizer o que realmente deseja para o futuro. No trecho a seguir Andrea Doria se imagina dando uma notícia a Rodolfo:

- Pai, é o seguinte, você vai ter aceitar, essa minha coisa é muito forte: eu tenho que dançar, eu quero dançar! Peraí pai, peraí (sic) deixa eu acabar de falar, não começa já a ficar nervoso, eu só tô tentando explicar que eu não posso mudar, cada um é o que é, e se eu resolvi que a dança é o que eu quero ...[...]Assim não da pra conversar com você, mal eu começo a contar um troço e você já vem com esse negócio de que eu tenho mais é que jogar futebol, quantas vezes eu preciso te dizer que eu não gosto de me asfaltar atrás d'uma bola, eu gosto é de dançar! (BOJUNGA, 2006. p. 61-2)

Andrea está convicto da reação de Rodolfo ao que se refere a suas opções em relação à dança e a homossexualidade, e uma conversa amigável nunca seria possível devido à incompreensão do pai. Esse fato é recorrente em muitas famílias nas quais o pai não aceita a

opção sexual do (a) filho (a), não deixando que o mesmo exponha o que está acontecendo com seu corpo e mente. Ao dizer que gosta de dança, Andrea é repreendido, pois existem antigas concepções sobre brinquedos, gostos e cores que as relacionam com determinados gêneros e na opinião de Rodolfo meninos não podem brincar de boneca ou dançar, devem brincar com carros e praticar esportes “masculinos”. Rodolfo é um personagem de falas completamente machistas e homofóbicas.

É evidente que Rodolfo considerando a homossexualidade um comportamento desviante, queria encontrar um culpado para a escolha do filho e atribui à sua esposa a responsabilidade sobre o fato. Em uma família na qual o pai e a mãe educam juntos os filhos, compartilham deveres e responsabilidades, a fala machista de Rodolfo para com Paloma é uma acusação descabível, pois Paloma incentivou o filho a fazer os serviços domésticos, o que erroneamente, na opinião de Rodolfo, refletiu na personalidade e na identidade sexual do menino.

Sabendo que Andrea havia adentrado a casa não hesitou em gritar para machucar tanto a esposa quanto ao filho, e permanecer em casa ou jantar em família se tornaram momentos perturbadores para o rapaz. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) garante o direito do jovem a ser respeitado no âmbito familiar, precisamente o Capítulo II e Art.17, p. 26. diz: “O direito ao respeito consiste na inviolabilidade a integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem da identidade, da autonomia, dos valores, ideias e crenças, dos espaços e objetos pessoais.” (ECA, Capítulo II e Art. 17, p. 26).

Andrea Doria e mais milhares de meninos e meninas são vitimados por uma desestrutura familiar nas quais a violência é diária, é indiscutível que a família ainda é responsável pela proteção e educação da criança e adolescente até que ele se torne capaz de ser independente, e, é indispensável uma boa relação entre responsáveis e os jovens independente de sua sexualidade. Durante toda a narrativa Rodolfo não demonstra afeto, nem respeito, ou qualquer tipo de apoio para com Andrea, somente o repreende e agride:

Rodolfo chegou em casa possesso: tinha visto o Andrea Doria e o Joel saindo juntos da biblioteca e sumido lá pros lados do rio; já andava na boca do povo que “o meu filho é a paixão daquele veado!”. Foi só Andrea Doria chegar em casa pra cena começar: o Rodolfo acusando o filho de envergonhar ele na cidade[...] Andrea Doria acabando de se exasperar e dizer: o Joel tem razão: você e um patriarca moralista e preconceituoso. Pronto! A frase pomposa do Joel foi a última gota: o Rodolfo pegou o chicote que usava quando saía a cavalo e, diante dos protestos horrorizados de Paloma, aplicou duas ou três chibatadas no Andrea Doria, exclamando, exaltando: -Pra você deixar de ser um fresco! (primeira chibatada); pra aprender a ser homem! (segunda); na

terceira Paloma se meteu no meio, e , se não é o Andrea Doria empurrar ela, tinha sobrado pra Paloma também. (BOJUNGA, 2006, p, 226-7)

O trecho acima conta um caso de violência contra um menor, que dentro de seu próprio lar é vítima da homofobia, tratasse de uma história fictícia idealizada por Lygia Bojunga, cuja característica de escrita é realista. Andrea Doria é apenas um personagem criado pela autora, mas existem muitos adolescentes vivenciando essa história, sofrendo com preconceito dentro e fora de casa. O livro Notícias de Homofobia no Brasil (2014) organizado por Debora Diniz e Rosana Medeiros de Oliveira retrata vários casos de violência praticados pela sociedade e por pessoas próximas, escrito a partir de 600 noticiários de jornais, sites, revistas, portais e blogs.

Com frequência essas notícias de pessoas que vem sendo ameaçadas, agredidas e mortas por conta de sua orientação sexual tem ganhado repercussão na mídia, e a semelhança entre os casos de violência contra Andrea Doria e os casos reais me motivaram a comparar as histórias. Andrea não teve sua vida interrompida, mas carregará consigo marcas de uma adolescência de brigas e agressões.

Andrea Doria x André Barbosa: Comparação do personagem fictício da obra Sapato de Salto com a história real da vítima de violência homofóbica narrada na coletânea Notícias de Homofobia no Brasil.

Durante esse capítulo a história do personagem Andrea Doria será contrastada com a história verdadeira de André Barbosa apresentada na coletânea Notícias de Homofobia no Brasil publicada em 2014 pela editora Letras Livres. Débora Diniz e Rosana Medeiros de Oliveira são as organizadoras das notícias jornalísticas e analisaram dados do Observatório sobre Direitos Sexuais nas Mídias Brasileiras, que monitorou diariamente mais de 600 veículos noticiosos (jornais, revistas, portais, sites e blogs), em plataformas impressas e digitais, entre 1º de janeiro e 30 de junho de 2013. Foram analisadas 6.467 notícias. A iniciativa foi financiada pela Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, por meio do Convênio n. 775969/2012 e o projeto foi executado pela Anis – Instituto de Bioética, Direitos Humanos e Gênero.

Por esta pesquisa tratar-se de um artigo e ter seu espaço para análise limitado, não será possível examinar mais do que um caso da coletânea de notícias, optou-se, portanto, selecionar um em específico que apresenta maior semelhança ao caso de Andrea Doria. Na maioria das 6.467 notícias, os homossexuais foram mortos e as famílias dão os depoimentos sobre os

acontecimentos, no entanto, André Barbosa de 22 anos é um sobrevivente, e narra a violência sofrida por conta de um “beijo gay”.

André Barbosa havia saído com amigos para uma boate e estavam em uma “festa hétero”, quando foi violentamente agredido após beijar outro rapaz.

Meus amigos tentaram me acompanhar, mas foram barrados no caixa. Do lado de fora da casa dois seguranças me arrastaram para um jardinzinho na lateral da boate. Eu ainda estava preso pelo pescoço com a cabeça abaixada quando levei a primeira joelhada no rosto. Tentei proteger a cara, mas não consegui, era soco e joelhada. Eles gritavam “viadinho de merda” (Alessi, 2013). (DINIZ E OLIVEIRA orgs. 2014 p. 68-9)

André nem sequer teve a oportunidade de se defender, nem seus amigos tiveram a possibilidade de ajudá-lo. Os seguranças alegaram que André estava no lugar errado e precisava ser mandado embora e surrado para que não repetisse o feito outra vez.

O fato contado acima é semelhante ao episódio de Andrea Doria, que após beijar Joel, recebe do pai chicotadas. “Assim como os seguranças gritavam “viadinho de merda” para intimidar André, Rodolfo dizia palavras de ordem para humilhar ao filho:” pra você aprender a ser homem” (BOJUNGA, 2006, p. 226-7).

As agressões ocorrem em locais diferentes, André é agredido em local público e Andrea em casa, porém a violência é exercida pelo mesmo motivo, a homofobia, que se faz evidente diante de como é efetuada. Os casos são resultados das interpelações do pai e do segurança, que julgam a opção sexual dos jovens pela ótica da heteronormatividade, assim justificando a violência cometida como “ensinamento” de comportamento adequado e aceitável perante a sociedade. Ambos agressores não se intimidam por serem testemunhados diante do ato de homofobia, agem com normalidade, mesmo sendo repreendidos por terceiros continuam a machucar os rapazes. No bar, amigos tentam parar o segurança gritando “homofóbico” e na casa de Andrea, Paloma intercede pelo filho, porém seu apelo é em vão.

André é um sobrevivente que sonha com justiça, usa sua voz, seu corpo e suas marcas para expor sua indignação e repúdio a violência, ao contrário do “segurança” que não possui nome ou rosto divulgado pela mídia, sua imagem é o monstro da homofobia, como poderemos nos defender de uma fera cujo rosto desconhecemos? Na maioria das notícias em plataformas impressas ou digitais os agressores são pouco citados, em contrapartida as vítimas têm sua opção sexual e nomes expostos.

Tanto o segurança da boate, quanto Rodolfo são intolerantes a um beijo homossexual, para os dois a única providência a ser tomada é a violência verbal e física. Apesar das semelhanças, a trajetória de ambos os jovens diverge um pouco, pois Andrea Doria possui

apenas 14 anos de idade e ainda está confuso sobre sua sexualidade, é financeiramente dependente de seu pai e o teme. André já é adulto e pode expressar abertamente sua opção sexual e lutar por justiça, possui amigos e família que o apoiam para prosseguir após o trauma. Andrea conta apenas com sua mãe, que sofre também com as perseguições de Rodolfo.

Segundo as organizadoras da obra Notícias de Homofobia no Brasil, o crime homofóbico é um crime de ódio, causado unicamente ou preponderantemente por uma interpretação depreciativa da vivência do gênero das vítimas e pelo julgamento de sua inadequação a uma ordem heterossexual, o mesmo julgamento é feito aos “rapazes”, por não estarem no padrão da heteronormatividade, o que os tornam vítimas do preconceito e ódio. Faremos em nossas considerações finais um breve apontamento referente às leis antidiscriminatórias no Brasil

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa analisou a representação da homofobia na obra Sapato de Salto de Lygia Bojunga através do viés da Teoria Queer baseada nos autores: João Paulo de Lorena Silva (2016), Ederson Luís Silveira (2016), Leonard Cristy Souza Costa (2016), Guacira Lopes Louro (2008), Eve Kosofsky Sedgwick (2007), Judith Butler (2015), entre outros, e, contrastou a história do personagem Andrea Doria com o acontecimento verídico de André Barbosa com o intuito de demonstrar o quanto o preconceito é real na sociedade Brasileira atual em que vivemos.

Na coletânea Notícias de Homofobia no Brasil, os LGBTQI são em sua maioria identificados pelas autoridades policiais como “o homossexual”, “o travesti”, “a sapatão” e não pelo nome da vítima, como se um cidadão ou cidadã fosse menos digno de respeito por conta da homossexualidade, e os crimes são citados como homicídio, lesão corporal, latrocínio entre outros, ou seja, a mídia acaba distorcendo as verdadeiras motivações homofóbicas que causaram os crimes e interpelando o leitor e o telespectador a ter a visão de que os homossexuais e travestis fazem programas sexuais, e que por conta disto, estão sujeitos a esse tipo de violência nas ruas.

O fato mais triste encontrado nessas pesquisas é que a homofobia não é considerada crime e esses agressores quando presos respondem por outras acusações (crime de racismo), uma vez que não se pode ser condenado por homofobia. Não existem dados oficiais que comprovem a violência contra a comunidade gay, porem as próprias associações ligadas a

grupos organizados fazem levantamentos e ajudam a divulgar o número desse tipo de violência cometida no país.

Diante de tais apontamentos surgiu então a busca por proteções jurídicas e antidiscriminatórias, no entanto, não há até o presente momento uma lei que ampare os LGBTQIs no Brasil, esse tipo de violência é enquadrada como discriminação racial, injúria ou agressão. A Constituição da República Federativa do Brasil (art 3º, inc. IV) promove o bem a todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação. Quando mencionado preconceito a “sexo”, a lei não é especificamente dirigida ao grupo LGBTQI, mas levamos em conta a discriminação a identidade de orientação sexual, ainda sim é inexistente na constituição uma lei exata contra atos homofóbicos.

Por conta das violências discriminatórias dos heteronormativos, a Ordem dos Advogados do Brasil criou o “Estatuto Diversidade Sexual e Gênero”, e com apoio de movimentos sociais apresentaram propostas de ementas que estão no Congresso Nacional, uma delas é o Projeto de Lei nº 122/2006, que propõe criminalizar a discriminação em virtude da orientação sexual e identificação de gênero. No dia 23 de novembro de 2017 foi entregue ao Senado Federal o anteprojeto do “Estatuto Diversidade Sexual e Gênero”, cuja iniciativa popular se deu através de abaixoassinado de mais de 34.000 pessoas que votaram através de sites, no entanto é preciso 1 milhão e 400 mil votos para que o projeto seja debatido no Senado.

Ainda há esperança para uma mudança na Constituição Brasileira, por enquanto o Supremo Tribunal Federal aprovou em 13 de junho a lei que caracteriza a homofobia como crime de racismo, outro exemplo de conquista é o casamento entre duas pessoas do mesmo sexo, direito que só foi alcançado em 2011. Esperamos que esse artigo possa de alguma forma contribuir para o esclarecimento de questões acerca do grupo LGBTQI, e que cause reflexões que combatam pensamentos homofóbicos. Devemos ampliar nossas visões sociais como sujeitos e cidadãos e acima de tudo perpetuar respeito.

REFERÊNCIAS

BOJUNGA, Lygia. Sapato de salto. Casa Lygia Bojunga, 2006.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente, Câmara dos Deputados, Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. DOU de 16/07/1990 – ECA. Brasília, DF.

BUTLER, Judith. Queer para um mundo não binário. Disponível em: <http://outraspalavras.net/brasil/judith-butler-queer-para-um-mundo-nao-binario/> Acesso em 20/11/2017.

DINIZ, Debora, OLIVERA, Rosana Medeiros (organizadoras). Notícias de homofobia no Brasil – Brasília: Letras Livres, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. Proposições, v. 19, n. 2, p. 17-23, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2> Acesso em 20/09/2017

LOURO, Guacira Lopes. Teoria Queer uma política pós-identitária para a educação. Estudos feministas, v. 9, n. 2, p. 541, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8639> Acesso em 20/09/2017

MARINHO, Nadia. Homofobia não é crime. Disponível em: <https://nnadiamarinho87.jusbrasil.com.br/artigos/395697903/homofobia-nao-e-crime> Acesso em 19/11/2017.

SEDWICK, A. A epistemologia do armário. 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/3503/sedgwickve.pdf?sequence=1> Acesso em 20/09/2017

SILVA, João Paulo; SILVEIRA, Ederson Luís; COSTA, Leonard Christy Souza. A Teoria Queer e os muros da escola: tessituras entre práticas e (des) normalizações. TEXTURA-ULBRA, v. 18, n. 38, 2016. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/2057> Acesso em 20/11/2017.

TARTUCE, Flavio. Homofobia é crime. Disponível em: <https://flaviotartuce.jusbrasil.com.br/artigos/121822455/homofobia-e-crime-prof-mariaberenice-dias> Acesso em 20/11/2017.